



---

## O acento mítico na semiótica\*

Luiz Tatit\*\*

---

**Resumo:** Examinamos, neste trabalho, a influência dos estudos sobre a consciência mítica, realizados pelo filósofo Ernst Cassirer, na semiótica tensiva proposta por Claude Zilberberg. Este autor encontrou nas análises elaboradas pelo filósofo um modo de abordar o sentido, não tanto por sua materialidade fenomenológica, mas principalmente pela intensidade afetiva nele inscrita. Esse acento especial que torna pertinente um determinado conteúdo mítico foi comparado por Zilberberg com a alta tonicidade que caracteriza o acontecimento extraordinário, seu principal objeto de análise na semiótica. Surgiram daí os incrementos (*mais e menos*), cuja combinação nos permite estabelecer as quantificações subjetivas – portanto, afetivas – sempre presentes em nossas apreciações do sentido construído pelas linguagens verbais ou não verbais. Verificamos, por fim, que as relações entre intensidade e extensidade, núcleo da proposta tensiva, foram especialmente beneficiadas pela investigação da peculiaridade acentual do pensamento mítico.

**Palavras-Chave:** acontecimento; valores transcendententes; prosodização; tonicidade; incrementos.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.173561> .

\*\* Docente do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [tatit@usp.br](mailto:tatit@usp.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5879-4972> .

## 1. Da implicação à concessão

Como analisar um objeto indecomponível, imprevisível e muitas vezes impactante, servindo-se de métodos classificatórios, gramáticas baseadas na espera (a presença de um elemento determinando a presença de outro) e longos discursos explicativos? Esse é o desafio de quem abraça o espinhoso tema do “acontecimento”, no sentido preciso de algo que surge ao sujeito independentemente do seu controle ou da sua participação. Pois foi esse desafio que se tornou tópico essencial da pesquisa do pensador francês Claude Zilberberg e que o fez procurar respaldos argumentativos fora do ambiente semiótico.

Para o autor, é inerente às linguagens de modo geral a composição do pensamento numa ordem implicativa, na qual a boa explicitação das causas e consequências garante a homogeneidade do conteúdo ao longo do discurso. Nesse caso, o elo entre os componentes é estabelecido de maneira a não deixar dúvidas quanto ao teor da mensagem final. É o que favorece também a aceitação fiduciária da mensagem enunciada. Segundo Zilberberg, tal junção implicativa entre os conteúdos dos sintagmas nos ajuda a crer na plausibilidade do tema transmitido ou, em suas palavras, a “crer no acreditável” (2011, p. 243-244). Exemplo na comunicação cotidiana: “faltei ao encontro *porque* estava em outra cidade”.

Mas as linguagens são igualmente veículos de mensagens formuladas numa ordem concessiva, e aqui sobressai a contribuição específica do autor francês. O que temos nessa situação é a junção de conteúdos considerados distantes entre si. Não há contiguidade nem decorrência e sim uma aproximação brusca de sintagmas que, em princípio, resistiriam à união. O dispositivo geralmente empregado para consumir essa inesperada associação é justamente a conjunção concessiva. Do ponto de vista fiduciário, o sujeito leva o seu interlocutor a “crer no inacreditável” (Zilberberg, 2011, p. 243-244). Na linguagem cotidiana: “fui ao encontro, *embora* estivesse em outra cidade”.

Se à primeira vista esses exemplos nos dão a entender que a ponderação contida no discurso implicativo torna-o mais consensual e frequente nas interações sociais, e que o salto de conteúdo provocado pelo discurso concessivo cria um efeito de estranhamento quase sempre evitado pelos falantes, um exame mais atento dos dois casos não confirma essa impressão. Assim como buscamos causas e consequências em nossas argumentações, em especial quando adotamos certa racionalidade discursiva, temos todas as condições linguísticas para propor novas conexões entre temas e situações nunca antes interligados. Por meio das linguagens, verbais e não verbais, podemos desenvolver tanto o pensamento implicativo quanto o pensamento concessivo. É comum ouvirmos que o primeiro tipo, em sua caracterização extrema, viceja mais entre cientistas

e filósofos, enquanto o segundo se manifesta em geral entre os artistas. Mas isso também não se sustenta. Não há teoria sem alguns saltos concessivos nem criação sem nenhuma lógica implicativa. Talvez tenhamos simples predominâncias de um tipo sobre o outro quando fazemos ciência ou nos dedicamos às artes.

O “projeto de ciência” implementado por Algirdas Julien Greimas na década de 1960, conhecido como semiótica de origem francesa, exhibe em seu importante núcleo narratológico um exemplo típico do pensamento implicativo. O progresso narrativo é medido por aumento gradual dos papéis actanciais, pelas dinamizações modais e pela sucessão dos programas que conduzem as etapas de manipulação, ação e sanção. Zilberberg, seguidor de Greimas, assimilou e aprofundou as operações desse modelo narrativo, mas sempre sentiu falta de categorias que previssem, não os acontecimentos em si, pois isso seria um contrassenso (acontecimentos são imprevisíveis), mas um lugar teórico onde se alojariam esses fenômenos inesperados e resistentes à formulação gramatical.

No modelo de Greimas a prevalência implicativa em todos os tópicos é notória, mas Zilberberg sempre temperou sua adesão à semiótica com escapadas para se alimentar em outras áreas, tais como a literatura e a filosofia. No primeiro caso, chama a atenção o seu interesse especial pelo pensamento solto e aos saltos dos *Cahiers* de Paul Valéry e, no segundo, pela concepção prosódica, apurada no “acento da significação”, noção que muitas vezes orientou os estudos antropológicos de Ernst Cassirer (2017, p. 108).

## 2. Base concessiva da existência

O entusiasmo do semioticista pelo raciocínio concessivo, por exemplo, tem sólido respaldo num dos aforismos do poeta francês: “toda coisa que existe, se não existisse, seria altamente improvável”<sup>1</sup> (Valéry, 1973, p. 533). Trata-se de uma espécie de *big-bang* da existência de “tudo” a partir de uma simples proposição de fundo concessivo<sup>2</sup>, que, como vimos, é capaz de nos fazer crer no inacreditável. Ao tentarmos compreender algo fundamental e complexo como o surgimento da vida unicamente neste planeta – só a Terra teria reunido as condições essenciais (água em estado líquido, composição atmosférica, distância adequada do sol, coincidências químicas etc.) para hospedar as inúmeras formas de vida existentes – temos que concordar com Valéry. Afinal, nossa consciência de seres humanos, se pudesse desfrutar de alguma autonomia para calcular todos os fatores envolvidos num eventual “projeto” de construção da vida, certamente desistiria do empreendimento. Mas, contra todas as evidências, esse projeto já foi executado muito antes de nos propormos a questão, o que não

<sup>1</sup> Tradução nossa para: “toute chose qui est, si elle n’était, serait énormément improbable”.

<sup>2</sup> Existe, *embora* essa existência fosse considerada altamente improvável.

deixa de ser um alívio para a nossa limitada capacidade humana. Só nos resta – o que não é pouco – entender como isso se deu ou pelo menos demonstrar que todos os acontecimentos de nossa existência, fascinantes ou tormentosos, emulam em diversos graus esse *big-bang* original.

Desse modo, “coisa”, na formulação de Valéry, pode equivaler a acontecimento inesperado (Zilberberg, 2011, p. 174), fenômeno que sobrevém com frequência, alterando nossas expectativas e modificando, para o bem ou para o mal, os nossos planos de futuro. Mas tal acontecimento, que pode ser tratado como algo momentâneo no plano da realização, adquire *status* de conteúdo durável quando o examinamos à luz de outro aforismo do poeta: “o que existe uma vez, existe sempre, potencialmente”<sup>3</sup> (Valéry, 1973, p. 1232). Aqui não estamos mais na realização, e sim na potencialização<sup>4</sup>, termo utilizado por Valéry em sua forma adverbial e consolidado na semiótica como categoria resultante da apreensão que o sujeito faz de uma grandeza ou de um acontecimento no espaço tensivo. Depois de uma plenitude conjuntiva com tais fenômenos, esses perdem aos poucos o seu caráter espantoso ou surpreendente, mas ganham um lugar específico na memória do sujeito, de acordo com o impacto que causaram na fase da realização.

Quando retratamos uma experiência inesquecível, por exemplo, significa que algo nos afetou com altíssima tonicidade, a ponto de ocupar uma posição privilegiada em nossa memória. O que entra em cena, nesse caso, é a acepção tônica da palavra potencialização: aumento da potência. Nem sempre, porém, os acontecimentos possuem caráter marcante e, mesmo assim, não deixam de ser acontecimentos. Apenas são absorvidos com menos intensidade. Para explicar isso lançamos mão do outro sentido de potencialização, geralmente lexicalizado como potencial ou potencialidade. Nessa acepção átona, mais comum nas experiências cotidianas, nossas apreensões tornam-se apenas latentes ou inativas (potenciais) em nossa mente<sup>5</sup>.

Especialmente interessado nos efeitos estéticos das obras de arte, Zilberberg estudou com mais afinco a potencialização tônica e a ela atribuiu em diversas passagens a razão da existência prolongada de certos conteúdos – e não de todos – na memória. Nas palavras do semioticista: “só o intenso é memorável”<sup>6</sup> (Zilberberg, 2007, p. 41). Essa ideia também vai ao encontro de outro aforismo valeriano: “o intenso tem, portanto, uma qualidade própria – a de persistir para

<sup>3</sup> Tradução nossa para : “ce qui est une fois, est toujours, potentiellement”. Ainda que, nesse contexto, “est” pudesse ser melhor traduzido por “ocorre” ou mesmo “acontece”, preferimos manter a solução do primeiro aforismo: “existe”.

<sup>4</sup> Como se pode presumir, estamos nos reportando à oscilação dos modos de existência no quadrado semiótico. A conjunção, típica da realização, tende ao seu termo contraditório, a não-conjunção, que, por sua vez, indica a perda concreta do objeto, mas ao mesmo tempo sua potencial permanência reminescente.

<sup>5</sup> Tratamos desse tema em outro trabalho (Tatit, 2019, p. 43-49).

<sup>6</sup> Tradução nossa para : “seul l'intense est mémorable”.

além da duração de sua causa”<sup>7</sup> (Valéry, 1973, p. 1235). É esse “intenso” que, muitas vezes, faz do sujeito um objeto, um ente apassivado e tomado pela experiência (Cassirer, 2011, p. 129-130), a qual só poderá ser eventualmente reconstruída mais tarde, quando amenizar o efeito da alta tonicidade. Mas a lembrança em si é motivada pelo acento particular que incide sobre o acontecimento, não apenas por ser inesperado, mas também por ser especialmente significativo.

### 3. Base prosódica da existência

É pelo destaque dado à noção de acento ou de alta intensidade que Zilberberg vislumbra um ponto comum crucial entre Valéry e Cassirer. Cada qual a seu modo inspirou-se no vigor afetivo, motor do acento, como escala de apreciação dos valores que investem o sentido. O filósofo detém-se particularmente na “experiência expressiva pura” (Cassirer, 2011, p. 152), anterior à intelectualização de todo fenômeno analisado e cujo entendimento nos conduz ao âmbito da apreensão mítica. Nesse universo, o conteúdo da experiência expressiva é avaliado de acordo com o “acento valorativo” que lhe atribui a comunidade e o sentimento mítico-religioso vivenciado pelos indivíduos. Desse ponto de vista, portanto, o que vale é a existência acentuada, talvez a melhor definição que podemos dar à noção de *presença* em semiótica (Zilberberg, 2001, p. 55). Nas palavras de Cassirer: “Cada conteúdo miticamente significativo, cada relação de vida destacada da esfera do indiferente e do cotidiano, constitui, por assim dizer, um círculo próprio na existência [...]” (Cassirer, 2004, p. 185).

Pode-se notar que o fenômeno mítico não equivale exatamente ao conceito de acontecimento estudado por Zilberberg, exceto pelo que traz de alta tonicidade. O caráter repentino e veloz, tão caro ao modelo do semiótico, não é o que responde pela força expressiva do evento descrito por Cassirer. O universo mítico é por natureza dramático, pois resulta de conflitos narrativos geralmente remotos e inerentes a essa visão de mundo. Em vez da novidade do fenômeno, o que importa é o acento que lhe é conferido pelo indivíduo e por toda a comunidade ou, em outras palavras, a cifra emocional, eufórica ou disfórica, que concentra e ilumina um aspecto do conteúdo distinguindo-o dos demais. Há coisas ou situações menos enfatizadas no interior da consciência mítica, mas todas elas encarnam “almas” (Cassirer, 2011, p. 121) que, de uma hora para outra, podem se destacar no jogo dramático da vida. Se na perspectiva de Valéry existe, como vimos, uma concessão primordial (um *big-bang*) cujo destino é se manifestar em todos os atos de aproximação de conteúdos distantes, paradoxais, dando existência a esses acontecimentos, na teoria de Cassirer existe um acento primordial que também se reproduz, portando cifras emotivas, em certos

<sup>7</sup> Tradução nossa para : “L’intense a donc une qualité propre – qui est de persister au-delà de la durée de sa cause”.

fenômenos de expressão do dia-a-dia. É o mesmo acento que, em sua origem primeva, distinguia – e continua distinguindo – o sagrado do profano.

De fato, uma das noções centrais encontradas entre os povos melanésios – mas também em nações indígenas da América, da Austrália e da África, segundo o filósofo – é a de *Mana*, forma essencial para se referir à capacidade excepcional de um personagem, mas também à força sobrenatural de um objeto, de um lugar ou de um símbolo religioso, tudo que tenha caráter extraordinário e possa ser tonificado na vivência humana. Como a ideia de *Mana* não está associada a nenhum fenômeno em particular, mas pode ser aplicada a uma espécie de “apreensão mental”, na qual impera a intensificação de alguém ou de algo, natural ou sobrenatural, Cassirer passa a concebê-la como uma espécie de predicação atribuída a qualquer conteúdo especialmente acentuado. Mais que isso, como se trata de uma “capacidade intensificada”, desde sempre presente no universo mítico de numerosas culturas, o *Mana* pode ser visto pelo filósofo como uma protopredicação que não apenas serviu para sacramentar conteúdos essenciais do mundo religioso, mas também para identificar ao longo de toda a vida “o sublime do cotidiano”<sup>8</sup>:

Esse tipo de predicação pode ser consignado como a protopredicação mítica-religiosa, visto que se consuma nela a grande separação, a “crise” espiritual pela qual o sagrado se aparta do profano, e o peculiar, no sentido religioso, sai do círculo do que é, sob o ângulo religioso, desimportante, indiferente. (Cassirer, 2017, p. 85)

Nesses termos, mesmo quando destaca a novidade, o inaudito, o acento mítico recai sobre a restauração da origem. São os valores dessa memória que irrompem e espantam o sujeito: “[...] parece que as mitologias não têm como objeto a metáfora nova, ‘inouïe’, mas a projeção e a conservação dos sistemas de correspondência de grande envergadura<sup>9</sup>” (Zilberberg, 1997, p. 10). É essa origem que sobrevém com extrema relevância e atrai para si o ápice prosódico<sup>10</sup> do sentido mítico, como se decantasse perpetuamente os valores sacrais.

#### 4. Pensamento mítico

Claro que o interesse de Cassirer pela consciência mítica não é o mesmo dos antropólogos de sua época. Sua intenção é vislumbrar nos casos descritos por esses especialistas um modo de conhecimento que em nada lembra os

<sup>8</sup> Expressão que virou título de um belo livro de Herman Parret (1988).

<sup>9</sup> Tradução nossa para: “il apparaît que les mythologies n’ont pas pour objet la métaphore nouvelle, ‘inouïe’, mais la projection et la conservation des systèmes de correspondances de grande envergure.”

<sup>10</sup> Na “prosodização da semiótica”, implantada por C. Zilberberg, a construção do sentido dirige-se sempre ao seu ponto mais acentuado (prótase), do qual logo se afasta por obra das modulações discursivas.

métodos de compreensão científica da realidade e que, no entanto, jamais deixa de existir mesmo quando as civilizações consideradas avançadas não o admitam como prática eficaz. Ou seja, por mais que progridam as formas sistemáticas do mundo teórico, a visão mítica da realidade persiste como primeira abordagem individual e comunitária de um determinado núcleo de conteúdo. Em lugar da contínua expansão do campo de conhecimento pelos modelos teóricos, a intuição mítica tende à condensação da experiência perceptiva, guiando-se pelo interesse subjetivo que o fenômeno desperta no sujeito: “Não desdobra o conteúdo particular; não avança nem retrocede a partir dele, para considerá-lo sob o ângulo de suas ‘causas’ ou de seus ‘efeitos’, mas descansa na simples existência deste conteúdo” (Cassirer, 2017, p. 75).

Dessa condensação das forças de sentido num só ponto, a depender de sua intensidade, pode resultar, se pensarmos na distinção primária entre sagrado e profano, uma dada configuração divina ou demoníaca da experiência, mas pode também decorrer uma marca designativa verbal ou até mesmo uma imagem artística desse conteúdo. Tudo ocorre como se o pensamento mítico se completasse com a denominação linguística e a representação estética, muito antes de qualquer tentativa de articulação lógico-científica. Evidentemente, Cassirer refere-se aqui à linguagem verbal primária, aquela que no cotidiano emparelha-se com a consciência mítica de um povo, e não aos processos linguísticos elaborados pela ciência em seus procedimentos classificatórios ou gramaticais. Enquanto esses tendem a se expandir no campo conceitual para abranger outras zonas do universo perceptivo, a língua natural utilizada com eficiência por toda a população guia-se pelas intuições míticas da comunidade, denominando com especial zelo apenas os seus focos de significação. O que aparece em torno disso não deixa de ter sentido por certo, mas tende à invisibilidade pelo grau de atonização adquirido diante dos conteúdos acentuados.

A combinação da máxima concentração com a máxima intensificação, algo que numa instância primal poderia corresponder à configuração objetiva de deus, só é percebida como tal na esfera mítica quando ganha uma direção fixada pelo interesse subjetivo do indivíduo no interior da sua comunidade. Essa direção, delineada pelo que é importante para o desejo, a espera ou mesmo a ação do sujeito, também possui valor prosódico, uma vez que culmina no acento. Aliás, um dos sentidos que deram origem à noção de espera (*attente*)<sup>11</sup>, segundo o *Dicionário de Semiótica*, decorre justamente do significado de curva melódica ascendente do “prosodema entonação” (Greimas; Courtés, 2008, p. 196). Não é por outra razão que Zilberberg adota e adapta esse conceito de direção, mencionado muitas vezes por Cassirer, para designar a ascendência e

<sup>11</sup> Traduzido na versão brasileira como “expectativa”.

descendência tensivas, que quantificam para mais ou para menos os conteúdos analisados. São conceitos que ajudam a prosodizar a semiótica<sup>12</sup>.

Quando Cassirer pensa em direção, contudo, não se trata de processo ou duração que poderiam explicar *como* algo se dá ou se comporta. Esse modo de funcionamento é típico do pensamento científico. No campo mítico, o pensamento é sempre acelerado: salta em direção ao ponto de partida (mito da origem) ou ao ponto de chegada (mito do progresso ou da profecia), tentando revelar “a partir do *quê*” ou “para *quê*” um determinado conteúdo sobressai aos demais (Cassirer, 2004, p. 104-105). Como expressão do primeiro caso, Zilberberg reconhece os mitos “arqueológicos” e, do segundo, os mitos “escatológicos”, mas não vai muito além dessas denominações (Zilberberg, 1997, p. 5-6). De todo modo, pensar por acentos, com sua alta intensidade e foco concentrado, guiados por direções enunciativas, é o que há de mais proveitoso na visão mítica do mundo para compor o modelo tensivo. Em vez de unidades de pensamento, tais acentos caracterizam, por assim dizer, “unidades de sentimento” que devem servir de medida para a apreciação dos chamados estados de coisas (Cassirer, 1977, p. 134).

O interesse dos estudos de Cassirer para a semiótica vem da importância que o filósofo confere ao mundo espiritual, repleto de significações e representações, que jamais deixa de existir mesmo depois de ser preterido pelo êxito das ciências lógicas e classificatórias, até porque esse mundo trouxe – e traz – consigo uma forma de conhecimento bastante eficaz para a sobrevivência e o desenvolvimento cultural de muitas gerações que não se beneficiaram do pensamento teórico. E, quando fala de “conceitos linguísticos primários” (Cassirer, 2017, p. 48), esse autor refere-se ao primeiro grau de conceituação que toda comunidade faz de sua experiência com os fenômenos, antes de uma eventual busca metodológica que certamente demandará um grau bem mais abstrato de compreensão do sentido. Tais conceitos linguísticos andam de par com o pensamento mítico, atribuindo marcas designativas especialmente aos seus pontos de acento afetivo. As coisas do mundo não valem por si nem por sua simples apreensão sensorial, mas por causarem no sujeito emoções eufóricas ou disfóricas: as coisas alegram, apaziguam, encantam ou entristecem, ameaçam, deprimem, e sempre numa medida variável, com menor ou maior intensidade. É essa quantificação subjetiva do plano do conteúdo que Zilberberg tenta assimilar no esquema tensivo geral, seguindo o modelo das conhecidas oscilações prosódicas que mobilizam continuamente o plano da expressão da linguagem.

Em última instância, para Cassirer, o pensamento mítico não existe apenas entre os povos primitivos nem sequer pode ser superado por outras

---

<sup>12</sup> Embora o semiótico francês geralmente atribua o conceito de *direção* à noção hjelmsleviana de verbo, como categoria extensa, cremos que a sua condução teórica resvala em Greimas e se pauta principalmente pela mesma noção de Cassirer.

formas de pensamento. Não é genuinamente prático, muito menos teórico. Na visão mítica, todos os elementos da natureza e todas as coisas são solidárias na efetivação das diferentes formas de vida. Por mais que nos habituemos, nas civilizações modernas, a respeitar as conquistas científicas, nunca abandonamos por completo a intuição mítica. Ela não só coexiste com a mentalidade cética e tecnológica dos novos tempos, como, em muitos casos, acaba tendo primazia em nossas decisões finais.

## 5. Valores transcendententes

Zilberberg reconheceu nas reflexões de Cassirer sobre a consciência mítica uma enorme proximidade entre conteúdo acentuado e acontecimento. De fato, ambos exibem cifras tensivas muito semelhantes, particularmente quanto à tonicidade, na qual os fatores sensíveis se mostram mais relevantes. O fenômeno que se destaca da experiência comum e angaria para si intensa visibilidade, pela importância psíquica e comunitária revelada ao sujeito, conserva quase a mesma propriedade quando se fala do acento mítico ou do acontecimento explorado pelo autor francês. Em ambos os casos predomina o aspecto tônico que torna o objeto mais ativo que o próprio sujeito. No caso da visão mítica, o brilho de tal fenômeno chega a ofuscar a luminosidade de qualquer ente ao seu redor (Cassirer, 2017, p. 108). Do ponto de vista do andamento, também há clara identidade entre o mito e o acontecimento, já que ambos irrompem do cotidiano e se impõem de forma brusca ao sujeito, tomando de assalto o seu espaço subjetivo e subtraindo o seu tempo de reação. Esse aspecto repentino é mais frisado no caso do acontecimento que do mito. Finalmente, no que diz respeito à extensidade, semelhantes conceitos apresentam-se sempre em estado comprimido, refratário a qualquer desdobramento ou desenvolvimento discursivo.

Para além desses traços tensivos comuns, a explicação do impacto causado pelo fenômeno mítico é mais esclarecedora que a do efeito provocado pelo acontecimento. Segundo Zilberberg, esse último “é o correlato objetual do sobrevir” (2011, p. 236). Isso significa que a imprevisibilidade da ocorrência repercute no espírito do sujeito como algo que sobrevém com tanta velocidade que inviabiliza qualquer tipo de resposta. Do ângulo gramatical, o semiótico define o acontecimento como fruto de uma articulação concessiva que, conforme já vimos, promove a aproximação de conteúdos paradoxais. A nosso ver, porém, sobrevir e concessão talvez explicitem o mecanismo que produz o efeito de acontecimento, mas não propriamente a “saturação da tonicidade” responsável pela “tempestade modal” (Zilberberg, 2011, p. 236) que atinge o sujeito.

Ora, a intensidade do abalo ocasionado pelo acontecimento não decorre do seu modo de aparição nem do seu mecanismo gramatical, uma vez que esses aspectos estão presentes também nos acontecimentos menos empolgantes e

até nos inexpressivos. Tal intensidade depende do estado afetivo e da competência modal do sujeito para distinguir conteúdos que lhe são relevantes. Há valores que transcendem o campo de ação, o espaço tensivo e até mesmo a própria consciência de si e que, no entanto, se revelam ao sujeito por ocasião de seu contato com algo aparentemente irreconhecível. São valores do seu mundo, mas também de outros mundos vizinhos, adormecidos nas tarefas corriqueiras ou mesmo esquecidos como projeto de vida, que de repente se atualizam diante de um dado acontecimento.

A semiótica narrativa não chegou a abordar esses eventos inesperados, mas já considerava a existência de valores “transcendentes” no seu esquema padrão. Como o sujeito da ação não tinha acesso direto a eles, Greimas subdividiu-o em dois actantes: destinador e destinatário. Cabia ao primeiro fazer a mediação entre a instância transcendente e a instância imanente, própria do destinatário. Era um desdobramento necessário do sujeito para que um guardasse os valores que não estavam ao alcance do outro, mas que poderiam lhe ser ofertados na medida da necessidade. No fundo, é essa função de destinador, eterno provedor do destinatário-sujeito, que nos permite compreender o intenso fascínio (ou aversão) causado pelo acontecimento, mesmo considerando que seus conteúdos são, em princípio, inusitados. Em outras palavras, as condições para o discernimento de traços significativos em algo visto pela primeira vez e que, no entanto, causa um misterioso impacto na vida do sujeito são asseguradas pelo destinador, ainda que este não se manifeste como ator definido. É dele que provém uma crença já perdida, um conhecimento esquecido ou um desejo sublimado, além de outras contingências sociais, cuja força subjetiva pode ser restituída pelo encontro do fato inusitado.

É bem provável que a função de destinador não caiba mais no modelo tensivo por já estar inextricavelmente associada ao universo narrativo da semiótica. Afinal, Greimas sempre destacou nesse actante o papel de manipulador da ação do sujeito e raramente como fiador de suas apreciações sensíveis e passionais dos fenômenos. De todo modo, essa posição teórica precisa ser restabelecida nos estudos do acontecimento, se não por outra razão, pelo menos para explicar por que um sujeito, em vez de apresentar indiferença diante de algo desconhecido ou inesperado, às vezes se vê tomado por essas ocorrências pouco familiares. Claro que o impacto não mora no fenômeno em si, mas na sua reverberação em valores introjetados, nem sempre conscientes, no mundo espiritual do sujeito. É bem provável que sejam os acontecimentos que os reacendem com maior ou menor intensidade.

No caso do mito já há uma ancestralidade de base, um conjunto de valores, que garante a apreensão do significado e de sua variação de intensidade:

Qualquer traço marcante na imagem da natureza, qualquer caráter de coisa ou de espécie é considerado “explicado”, tão logo seja vinculado a um acontecimento único do passado, e com isso seja exibida a sua *gênese* mítica. (Cassirer, 2004, p. 188)

Desse modo, o traço incomum que chama a atenção num determinado fenômeno reporta-se sempre a uma essência global reconhecida pelo indivíduo. E não se trata de simplesmente tomar a parte pelo todo. Na visão mítica, o que chamamos de parte já é o todo. Não há metonímia: a fumaça não remete à nuvem; ela é a nuvem. A nuvem não é sinal de chuva; ela é a chuva; portanto, a fumaça em si também já é a chuva. Conseguir captar o todo em seus detalhes é sinal de que existe um princípio essencial, às vezes designado com um nome divino, regulando a medida do impacto causado pelo objeto. Cassirer lembra que, nesse pensamento, o mundo ganha sentido quando se percebe “atrás dele a dinâmica do sentimento de vida” (2004, p. 131) ou, em outros termos, quando são discernidos os conteúdos que dão eficácia à vida. No fundo, o aspecto extraordinário da experiência, por menor que seja, é aquilo que se pode conjugar imediatamente ao todo na consciência mítica do indivíduo. Um milagre isolado é especial, extraordinário, na medida em que manifesta o grande milagre do “espírito religioso”. Não é difícil associar esse último com os valores transcendentais sob a guarda do destinador no esquema narrativo. Diz o filósofo: “é sempre essa atração peculiar para a ‘transcendência’ que liga todos os conteúdos das consciências mítica e religiosa” (Cassirer, 2004, p. 137).

Portanto, mesmo quando a ancestralidade começa a perder terreno para a hegemonia dos fatos cotidianos na mitologia moderna, o que dá respaldo ao acento sobre determinado conteúdo mítico é sua vinculação com esse universo transcendente, onde a revelação e o mistério convivem sem conflito. É esse o lugar do sagrado, cujo conceito, segundo Cassirer, se confunde com a “acentuação da existência” (2004, p. 146). Convém lembrar que “sagrado”, no mundo mítico, não tem a ver com “pureza”, podendo significar, ao contrário, o que é proibido ou até mesmo amaldiçoado. É o “consagrado”, no sentido de escolhido, realçado entre os conteúdos profanos e irrelevantes da existência empírica (2004, p. 145). Assim sendo, o sagrado é sempre a fonte dos acentos que podem incidir tanto sobre os conteúdos eufóricos (como nas representações do “*Mana*”) quanto sobre os conteúdos disfóricos (como nas representações do “*Tabu*”). O que importa é seu caráter incomum, inusitado e, digamos, espantoso. Nesse espanto pode haver medo ou esperança, ameaça ou admiração, mas ele em si já manifesta o sagrado.

A atração de Zilberberg pela forma do pensamento mítico desenhada por Cassirer parece-nos, portanto, motivada pelo que falta em sua teoria do acontecimento: o respaldo dos valores transcendentais responsáveis pelo grau de intensidade da comoção causada por uma experiência inédita na mente do

sujeito. Tais valores, geralmente de cunho comunitário, estão sempre pressupostos na apreensão do mito. Reconhecemos que o autor francês nunca formulou suas motivações nesses termos, embora sua busca concentre-se no lastro afetivo da intuição mítica – o que não deixa de ser um valor prévio, só que de natureza pessoal – e no uso do acento como recurso de valorização da significação. Esses aspectos, por si, enriquecem a teoria semiótica da intensidade e, especialmente, da tonicidade. Tanto Cassirer quanto Zilberberg consideram, e isso é o mais importante, que a forma da consciência mítica não pode, e não deve, ser omitida das teorias ditas científicas, uma vez que sua presença na compreensão geral do sentido é fator determinante em todas as culturas.

## 6. Indivisibilidade e desaceleração

O estágio mítico de compreensão do mundo ainda traz outra característica que coincide com a definição inicial de acontecimento: a indivisibilidade. Tal como o dado surpreendente, o elemento acentuado, em princípio, não admite análise na forma de subdivisões, desenvolvimentos, paráfrases ou outros recursos lógico-científicos, sob pena de deixar de ser o que era. Em uma citação de Cassirer (2011, p. 149), o filósofo alemão Max Scheler indaga como seria possível subdividir um “riso”, um “olhar” ou um “gesto ameaçador” e, depois, reconstituí-los a partir de seus fragmentos. O mito possui essa mesma peculiaridade que, aliás, Zilberberg reencontra no acontecimento.

Do ponto de vista tensivo, todo conteúdo que combina extrema condensação com alta tonicidade tende à inteireza do mito e impõe dificuldades à abordagem teórica. Ao ver de Cassirer, nossa língua natural primária, com suas denominações, e as imagens artísticas são mais afinadas com esse tipo de conteúdo, pois ajudam a concretizá-lo sem no entanto desmembrá-lo em unidades menores que em geral perdem o elo com o todo. Podemos acrescentar que, no caso das artes, a semelhança com a condição mítica é ainda mais flagrante. É comum que se analise uma tela, uma peça musical ou um poema, desvendando os seus principais recursos de composição, suas referências ao mundo exterior ou ainda a expressão do estado subjetivo do autor. É comum, igualmente, que a certa altura do trabalho nos venha a impressão de que nossas descobertas poderiam decorrer não apenas da obra descrita, mas também de outras criações de mesma natureza. O triunfo de chegar a um modelo descritivo geral, capaz de explicar, com os mesmos conceitos, diversas manifestações artísticas não chega a compensar a frustração de se sentir cada vez mais distante do *corpus* inicial. A análise foi tão longe que a singularidade do objeto de estudo se perdeu pelo caminho. A melhor solução nesses casos, mesmo não sendo a ideal, é recobrar o ponto inicial como se estivesse apreciando a obra pela primeira vez. Certamente, o conteúdo artístico, assim como o mítico, ainda estará lá para recalibrar a pertinência da análise.

Cassirer insiste no fato de que o pensamento lógico, discursivo, jamais substitui plenamente a consciência mítica que todos temos do mundo: “o declínio dos conteúdos da consciência mítica não implica necessariamente o declínio da função mental que lhes dá origem” (Cassirer, 2011, p. 136). E a língua primária se encarrega de configurar o “acervo básico” de sentido proveniente da intuição mítica, mesmo que, em outro momento, a língua intelectualizada interprete teoricamente esse conhecimento lançando mão de métodos científicos. A “verdade” contida na visão mítica sobre as coisas físicas, mas também sobre os outros sujeitos, não se apaga com a arte, muito menos com a ciência. Cassirer chega a considerá-las respectivamente como “ilusão estética” e “ilusão lógica” (Cassirer, 2011, p. 139-140). Evidentemente, não está no horizonte do autor desvalorizar o campo artístico ou o espírito científico cujas “verdades” são tão consolidadas e prestigiadas nas sociedades contemporâneas. Sua intenção é levar em conta um modelo de pensamento que nunca deixou de existir e ressaltar que, diante da certeza intuitiva vivenciada no mundo mítico, onde, segundo o filósofo, se forma nosso “espírito objetivo” (2011, p. 152), os demais modos de conhecimento – e principalmente o científico – são versões difusas e fragmentadas da realidade e de nós mesmos que tendem a se diluir por falta de acento.

Mesmo não sendo divisível, há que se reconhecer que o acento é mensurável em sua oscilação a partir do inaccento. O principal modelo indicador dessa condição é, para Zilberberg, a prosódia que mobilizamos espontaneamente no plano da expressão da língua natural. Sempre que houver acento, há prosódia cuidando do destaque das sílabas nas palavras, destas nas frases e, principalmente, das entoações que flexionam nossos discursos orais tanto nas modulações breves como nas longas. Nesse último caso, o mais interessante, as curvas melódicas estão sempre em processo de ascendência, em busca do ponto culminante do acento, ou descendência, tendendo ao inaccento, quando não neutralizam essas direções e permanecem suspensas no mesmo tom – mas mantendo a tensão. A ascendência, por exemplo, pode ser vista como um acento que evolui por graus, às vezes de maneira acelerada ou mesmo brusca (numa exclamação), às vezes lentamente, o que nos permite qualificar os aumentos graduais de elevação da curva e até segmentá-la para efeito descritivo. O segredo analítico está no andamento: a desaceleração contida no próprio objeto ou nas categorias descritivas que lhe são aplicadas permite que se decomponha o indivisível nem que seja só para identificar seus componentes pressupostos<sup>13</sup>.

Assim como, no campo musical, os guitarristas volta e meia precisam reduzir artificialmente a velocidade de algumas execuções melódicas para

<sup>13</sup> “*Realizamos* por meio de gradações nosso pensamento teórico. Acabamos por arrancar os fenômenos complexos de seu tempo particular – tempo sempre turvo, sempre confuso – para analisá-los num tempo factício, regulado, o tempo de nossos instrumentos. Sabemos retardar, acelerar, imobilizar os fenômenos temporais mais variados” (Bachelard, 1988, p. 63).

distinguir nota por nota e reproduzi-las no seu instrumento, o semioticista também recorre à desaceleração do sentido para restaurar etapas aparentemente omitidas, mas que estão presentes no entendimento ou sentimento global do objeto analisado. As notas, isoladamente, pouco dizem sobre o conteúdo da melodia ou da música completa. Do mesmo modo, as tais etapas do plano do conteúdo, não muito visíveis, parecem dispensáveis na captação do sentido geral de uma obra e, mais particularmente, o espectro da intensidade, que compreende os processos de atonização e tonificação, tende a desaparecer quando sofrem o efeito do vigor do acento principal que valoriza um determinado significado, como vimos na expressão mítica. Em todos os casos, só a desaceleração permite o reencontro desses detalhes perdidos.

Ao ouvirmos um orador, não temos dificuldade em perceber que suas inflexões entoativas caminham, discretamente ou com ênfase, para o agudo, muitas vezes com o aumento simultâneo da intensidade e da duração, e que, chegando nesse ponto, ele espera conquistar o máximo de nossa atenção (por isso, o que importa na comunicação direta é a curva como um todo). Durante essa trajetória ascendente, são comuns as intercalações de segmentos melódicos vocais que escalonam essa elevação, nem sempre de forma progressiva. Pode haver declínios de altura passageiros em alguns desses trechos sem que a curva melódica global perca sua orientação ascendente de base. Na sequência, o mesmo se dá no movimento descendente que conduz a melodia ao inaccento e que costuma acompanhar o segmento conclusivo do texto. Aqui, também, o orador pode produzir um desfecho sumário num único descenso ou inserir porções intermediárias que retardam e valorizam a finalização. Tais oscilações compõem, segundo o autor francês, a “música do discurso”, pois anunciam com recursos apenas melódicos o “discurso anterior ao discurso” (Zilberberg, 1992, p. 77).

Esses movimentos de elevação e declínio descrevem uma equivalência interessante com os conceitos de *prótase* e *apódose*, utilizados tanto pela linguística quanto pela retórica, mas com ênfases distintas. A linguística explica que essas noções garantem um vínculo gramatical entre orações, de tal modo que a enunciação de uma cria expectativa para a enunciação da outra. O exemplo clássico é o da oração condicional preparando a chegada da oração principal (“se não chover, eu chego mais cedo”). Essas enunciações pressupõem melodias entoativas que em geral são desprezadas pelos gramáticos em favor do conteúdo argumentativo. A retórica, ao contrário, põe em primeiro plano a “cadência” dos enunciados, examinando especialmente o movimento das curvas melódicas em direção ao ápice acentual (a *prótase*) e, desse ponto, até a distensão derradeira, próxima ao inaccento (a *apódose*). Somente num segundo momento considera que tais oscilações são traduzidas por trechos verbais com função locutória ou argumentativa. Zilberberg faz bom proveito da acepção retórica desses conceitos,

mas não chega a esclarecer em que medida exatamente suas aplicações no plano da expressão podem ser replicadas no plano do conteúdo. Não há dúvida, porém, que, para o semiótico, compreender a significação pelo prisma dos acentos é condição para o desenvolvimento do seu principal projeto, definido como prosodização do conteúdo.

Realmente, se pudermos isolar e examinar a face melódica que compõe a prótase de uma frase emitida oralmente, teremos o desenho analógico do aumento de tensão, da atonia ao mais alto grau de tonicidade e, a depender do andamento (rápido ou lento) dessa curva entoativa, ainda podemos ter, ou não, uma série de inserções de outros segmentos melódicos até atingirmos o ápice acentual de todo o período. A exclamação é um exemplo de máxima velocidade, já que seu componente melódico suprime o aumento gradativo de altura, duração e intensidade da voz e manifesta-se diretamente no ápice desses parâmetros. Nos períodos considerados mais declarativos ou mais solenes, a desaceleração do progresso tensivo permite algumas ou muitas interposições melódicas, cada qual com seus acentos secundários, até chegar ao acento principal que encerra a prótase. As mesmas considerações servem para caracterizar a linha melódica descendente da apódose rumo ao inaccento<sup>14</sup>. E tudo isso auxilia a compreensão de um texto verbal que simultaneamente constrói suas correlações enunciativas gramaticais (como no caso da oração condicional) e garantem assim a coesão do fluxo linguístico.

Tendo em vista que as ocorrências de prótase e apódose fazem parte de quase todos os discursos verbais passíveis de oralização, não se pode negar que o plano da expressão da língua materna é naturalmente portador de um ritmo acentual que faz com que seus segmentos melódicos estejam sempre em pleno processo de aumento ou diminuição de tonicidade. Se a progressão for lenta, como vimos, nada impede a inserção de mais segmentos tanto na ascendência como na descendência acentual. Nesse sentido, portanto, o funcionamento sonoro da nossa língua pauta-se por acentos ou por sua ausência (modulação), o que levou Zilberberg a considerar que a “prosodização” é um recurso inerente à linguagem.

A exemplo dessas direções entoativas (ascendente e descendente) encontradas no plano da expressão, o semiótico criou um paradigma para o plano do conteúdo a partir de quantificações subjetivas representadas pela combinação dos incrementos *mais* e *menos*. Na direção ascendente, podemos transitar de um conteúdo extinto (somente *menos*) para um conteúdo saturado

<sup>14</sup> Alguns autores literários são sempre lembrados quando queremos exemplos de prótase e/ou apódose lentas, as que admitem diversas intercalações de segmentos até chegar ao acento agudo principal ou ao inaccento derradeiro. Basta que leiamos em voz alta algum dos longos períodos escritos por Marcel Proust. Cada desdobramento de frase corresponderá a um novo segmento melódico que servirá de degrau para o movimento ascendente da curva melódica até o ápice acentual. A mesma sucessão de desdobramento pode ocorrer durante a curva descendente.

(somente *mais*), passando pela fase inicial, ainda negativa, de restabelecimento (*menos menos*), na qual se retira um pouco do *menos*, até ingressar numa fase realmente positiva, em que se pode acrescentar tonicidade ao próprio *mais*, ou seja, em que se pode recrudesce-lo (*mais mais*). Não é difícil reconhecer aqui um acento de conteúdo correspondente à prótase apresentada acima. E assim como novos segmentos melódicos podem ser intercalados na curva ascendente desse conceito, outros graus de tonicidade também podem ser inseridos nessa evolução intensiva do plano do conteúdo, criando partições nos estágios originais. O próprio pesquisador francês sugere que, numa cadência mais lenta, talvez pudéssemos subdividir a fase do restabelecimento em duas etapas: “retomada” e “progressão”. E, evoluindo no aumento da tonicidade, a fase do recrudescimento poderia teoricamente se decompor em “amplificação” e “saturação”, e assim por diante. São as intercalações de fases nas progressões do conteúdo que se comportam como as intercalações de segmentos melódicos nas entoações da linguagem oral.

## 7. Quantificações subjetivas

Zilberberg sempre concebeu essas direções acentuais como parte de seu projeto de prosodização do conteúdo e recorreu diversas vezes em sua obra às noções de prótase e apódose para caracterizar os movimentos de ascendência e descendência em ambos os planos da linguagem, mas não chegou, salvo engano, a explicar a relação entre segmentos entoativos e partições aspectuais do conteúdo nos termos que acabamos de fazer. Talvez considerasse óbvia a relação ou talvez não se desse conta dos detalhes do paralelismo entre os planos que ele próprio enfatizou. Costumava dizer que a inspiração do uso dos incrementos (*mais* e *menos*) para medir o grau de tonificação de uma grandeza vinha da silabação saussuriana, especialmente dos processos de implosão e explosão da abertura sonora. De fato, tais partículas já foram chamadas de “sílabas tensivas” (Zilberberg, 2011, p. 253). Cremos que ambas as fontes de influência reforçam-se mutuamente na configuração desse importante isomorfismo conceitual entre os planos.

Seja como for, esses pequenos dispositivos nos ajudam a caracterizar, entre outras coisas, as constantes apreciações que fazemos do mundo e de nós mesmos. Como ocorre na visão mítica examinada por Cassirer, dificilmente um ser humano acolhe um conteúdo sem quantificá-lo sob algum critério pessoal, construído à luz de valores comunitários. Se menciona um livro que acabou de ler, por exemplo, esse já surge com acentos avaliativos muito bem determinados por expressões que vão do desprezo total (somente *menos*) à admiração máxima (somente *mais*): “ilegível”, “não é tão mal”, “vale a pena lê-lo”, “muito bom!”, “excelente”, “incomparável” etc. Dentro desse espectro de valorização, às vezes dizemos apenas que alguém foi excessivo ao tecer um comentário qualquer ou,

ao contrário, que foi moderado demais, insuficiente, e não disse tudo que deveria ter dito. Quando condenamos floreios e firulas discursivas, novamente estamos falando de excessos. Ao compararmos a perenidade do amor com a efemeridade da paixão estamos quantificando o tempo de cada um. A lentidão das cartas de correio que, no passado, eram escritas dias a fio é às vezes invocada com nostalgia por quem está mergulhado na rapidez alucinante da comunicação via *WhatsApp*. Toda vez que dizemos “até certo ponto”, “pelo menos”, “quando muito”, “em parte”, “um bocadinho mais”, “até onde eu sei”, “relativamente” etc., estamos exercitando nossa quantificação subjetiva e – o que é espantoso! – nosso interlocutor, membro da mesma cultura, compreende com total justeza cada oscilação sugerida por essas medidas. Há alguns anos, um ex-presidente brasileiro deixou escapar a frase entendida por todos: “no nosso governo, [a Petrobrás] é uma caixa branca e transparente. *Nem tanto assim*, mas é transparente”. Claro que essa sutil diminuição da dosagem foi captada por unanimidade.

Portanto, as quantificações são subjetivas, mas suas apreensões são nitidamente objetivas. E precisas! Afinal, apresentam conteúdos já “estimados” na proporção do nosso afeto. De volta à frase citada, o próprio presidente considerou que na expressão “uma caixa branca e transparente” havia uma exacerbação que poderia soar inverossímil, o que o fez imediatamente aparar sua aresta retórica. Sentiu necessidade da atenuação (*menos mais*). Semelhantes oscilações de tonicidade indicam o modo sempre afetivo com que acolhemos os fatos naturais e sociais. Grande parte de nossas decisões na vida baseia-se no grau de importância que atribuímos ao fenômeno observado, levando em conta o seu andamento e sua extensão. Baseia-se, no fundo, no acento valorativo que distingue um conteúdo dos demais, realizando a mencionada *consagração* própria do pensamento mítico, cuja presença nas sociedades revela-se vital em todas as fases do seu processo civilizatório.

## Conclusão

Zilberberg encontrou nas propostas de Cassirer o objeto por excelência da semiótica, uma vez que, segundo o filósofo, “não constitui problema o conteúdo material da mitologia, mas a intensidade com a qual ele é vivido, com a qual se *crê* nele (tal como se *crê* apenas em algo objetivamente existente e efetivo)” (Cassirer, 2004, p. 20). Era a ideia que faltava para a incorporação do acontecimento entre os conceitos fundamentais da disciplina greimasiana. O objeto está sempre onde recai o “acento da significação”, que passou a ser o norte da pesquisa tensiva.

A existência concessiva primordial, explicitada no célebre aforismo de Valéry – citado no início deste texto – e reproduzida em todos os surgimentos

notáveis e imprevisíveis, não deixa de ser resultado de um acento, também primordial, que em numerosas culturas sempre identificou o conteúdo sagrado merecedor da atenção individual e comunitária. Com o passar do tempo, já vimos, “sagrado” passou a ser o aspecto extraordinário do conteúdo verificado em toda e qualquer cultura, tanto no chamado mundo natural quanto na linguagem verbal primária e nas manifestações artísticas. A consciência mítica tem como medida o afeto e como objeto o sentido imediato, corriqueiro, no qual ela identifica os elementos acentuados (sagrados). Nesse ponto, possui um foco semelhante aos estudos tensivos com seus eixos de intensidade e extensidade.

Sendo também um projeto de ciência, a semiótica de Zilberberg desenvolveu uma ampla reflexão sobre o conceito de acento, recuperando suas acepções da linguística (Hjelmslev), da filosofia (Bachelard, Deleuze), da música (Brelet) e da retórica (Fontanier), mas nada lhe trouxe uma contribuição tão decisiva para o tema como a análise do pensamento mítico realizada por Cassirer. O filósofo deixa claro que esse pensamento está longe de representar uma consciência primitiva cujo destino é ser suplantada pela ciência ou pela filosofia. Ao contrário, mesmo nas sociedades consideradas mais avançadas, o conhecimento mítico convive bem com as outras esferas do saber e muitas vezes assume o protagonismo em momentos que dependem de respostas imediatas.

Pudemos constatar que Cassirer concebe sempre um princípio essencial (ancestralidade, o “todo” respaldando suas partes e o próprio espírito sacral) garantindo os valores transcendentais que regulam o impacto, maior ou menor, do evento mítico, o que de certo modo está ausente na noção de acontecimento de Zilberberg. Por outro lado, a natureza afetiva desses valores que formam a visão de mundo dos sujeitos implicados, e que favorecem a apreensão imediata do sentido mítico na avaliação dos fenômenos e de suas interpretações linguísticas, foi a pedra de toque para confirmar a proposta tensiva de que a intensidade – e suas subdimensões também de origem afetiva, conhecidas como andamento e tonicidade – rege o conteúdo emanado da extensidade, onde se alojam os “estados de coisas”, determinando o seu grau de abrangência, mais concentrado ou mais difuso.

O “acento da significação” cassireriano sempre confere à grandeza alta tonicidade (“intensidade”, para o filósofo). Dentro do universo mítico, o conteúdo acentuado simplesmente invisibiliza o que está ao seu redor. Trata-se muitas vezes de um caso de ofuscação epifânica que não sofre declínio nem ligeira atenuação. O cursor do impacto está sempre no máximo. O mesmo acontece com o parâmetro andamento, jamais suficientemente graduado por Cassirer. O elemento acentuado é sempre instantâneo como um relâmpago e não se pode concebê-lo de forma desacelerada, nem antes nem depois da sua ocorrência. Por isso, nesse aspecto, Zilberberg prefere se pautar pelo acento prosódico, visto que esse pode ser brevíssimo, como na apreensão mítica, e nesse caso terá

provavelmente o formato de uma interjeição exclamativa, mas pode também ser o ponto culminante de uma gradação de acentos secundários que se movem numa direção ascendente (pré-acental) ou descendente (pós-acental), caso típico das entoações da linguagem oral. Esse processo torna-se mais nítido e observável quanto mais lenta for a evolução melódica no plano da expressão; do mesmo modo, no plano do conteúdo, o tratamento solene e pausado de ascendência e descendência permite estabelecer diversas partições aspectuais cifradas pelos incrementos *mais* e *menos*. Portanto, a desaceleração é um recurso virtuoso que nos permite enxergar detalhes encobertos pelo regime de alta celeridade. Há situações em que ela já está inscrita no próprio objeto analisado, mas, em outras, terá que ser aplicada artificialmente durante o procedimento descritivo. Em poucas palavras, a desaceleração é o que permite semiotizar o acento mítico.

Do ponto de vista semiótico, a expressão do afeto manifesta-se na tonificação das grandezas, das paixões e das apreciações de modo geral. Ao desacelerarmos suas etapas ascendentes e descendentes temos mais chance de compreender as gradações de afeto investidas em todo processo de significação. E não há nada mais objetivo para a análise que as quantificações subjetivas minuciosamente dosadas nos discursos e outras manifestações pelos indivíduos de uma sociedade, até porque essa última valida, por unanimidade, o sistema de mensuração adotado. Nesse ponto, a proximidade com o pensamento mítico descrito por Cassirer é flagrante. Ambas – a semiótica tensiva e a antropologia filosófica – querem compreender o fenômeno da acentuação da existência. ●

---

## Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas II*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas III*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PARRET, Herman. *Le sublime du quotidien*. Paris e Amsterdam: Éditions Hadès-Benjamins, 1988.
- TATIT, Luiz. *Passos da Semiótica Tensiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.
- VALÉRY, Paul. *Cahiers*, tome 1, coll. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1973.
- ZILBERBERG, Claude. Aspects du mythe dans la *Philosophie des formes symboliques* de Cassirer. 1997. Disponível em: <yumpu.com/fr/document/view/17128889/>.

ZILBERBERG, Claude. Défense et illustration de l'intensité. In: FONTANILLE, Jacques (org.). *La quantité et ses modulations qualitatives*. Limoges, Amsterdam et Philadelphia: Pulim et Benjamins, 1992.

ZILBERBERG, Claude. De l'affect à la valeur. In: CASTELLANA, Marcello (org.). *Texte et valeur*. Paris: L'Harmattan, 2001.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, Claude. Remarques sur l'assiette tensiva du rythme. In: BALLABRIGA, Michel; MPONDO-DICKA, Patrick (dir.), *Rythme, Sens et textualité*. Toulouse, Champs du signe, 2007. p. 23-45.

---

## The mythical accent in semiotics

 TATIT, Luiz

**Abstract:** It is examined, in this paper, the influence of Ernst Cassirer's studies on the mythical conscience on Claude Zilberberg's tensive semiotics. Zilberberg found in the German philosopher's analyses a way to approach meaning, not so much through its phenomenological materiality, but mainly through the affective intensity inscribed on it. This special accent, which renders a certain mythical content pertinent, was compared by Zilberberg to the high tonicity which characterizes the exceptional event, his main object of interest in semiotics. It is from there that the increment notions arise (*more* and *less*), whose combination allows us to establish subjective quantifications – thus, affective quantifications – which are always present in our judgments regarding the meanings built through verbal and non-verbal languages. Finally, it is verified that the relations of intensity and extension, the core of the tensive model, were particularly benefited by the investigation of the peculiarity of the mythical thought and its accent.

**Keywords:** event; transcendent values; prosody; tonicity; increments.

---

### Como citar este artigo

TATIT, Luiz. O acento mítico na semiótica. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 16, número 3. Dossiê temático: "Semiótica e Epistemologia". São Paulo, dezembro de 2020. p. 185-204. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

TATIT, Luiz. O acento mítico na semiótica. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.3. Thematic issue: Semiotics and Epistemology. São Paulo, december 2020. p. 185-204. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: year/month/day.

---

Data de recebimento do artigo: 12/08/2020.

Data de aprovação do artigo: 14/09/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

